



L. R. ARCANO

O CHAMADO DAS PROFUNDEZAS

POR OURO E GLÓRIA
LIVRO 1

"O início de uma intensa e envolvente aventura na
era dourada da pirataria."

Voe

O CHAMADO DAS PROFUNDEZAS

Livro Um: Por Ouro e Glória

Autor: L. R. Arcano

1ª Edição, 2024

Uberlândia, MG - Editora Flyve (Voe), 2024

COPYRIGHT © 2024, EDITORA FLYVE.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida de qualquer forma, seja por meio eletrônico ou mecânico, ou arquivada em qualquer tipo de arquivo sem a autorização expressa por escrito da editora.

Publisher: Lucas de Lucca

Diretora Editorial: Daihany de Moraes

Assessora Editorial: Marina Solé Pagot

Capa: Juliana Calado

Revisão: Beatriz F. A. Barbosa

Diagramação: Isabelle Drumm

***DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA
PUBLICAÇÃO***

A 668

Arcano, L. R.

*O chamado das profundezas : livro um : por ouro
e glória / L. R. Arcano. – Uberlândia, MG : Voe, 2024.*

290 p. 14x21cm

ISBN 978-65-00-86753-4

1. Ficção brasileira I. Título

CDD 869.93

Aviso: *Este livro contém cenas com violência física extrema, consumo de bebidas alcoólicas e opiáceos.*

CAPÍTULO 1

Um Pirata de Palavra

Edra deu uma passada rápida para a direita e a espada inimiga cortou o ar com um assobio agudo, passando perigosamente perto do seu flanco esquerdo. O homem à sua frente exibia os dentes em uma carranca feroz e implacável, mas o capitão não se impressionava fácil. Enquanto os dois se rodeavam, esperando uma brecha, o pirata percebeu os familiares sons de batalha que se expandiam e dominavam tudo ao seu redor. Sons de aço se chocando, disparos, gemidos de dor e gritos e, mais ao fundo, quase que como uma trilha sonora, o som das ondas no mar e da madeira rangendo, se lamentando sob seus pés. Porém, nada disso o distraía. Seus olhos dedicavam toda atenção aos movimentos do seu oponente.

O inimigo de aparência surrada tentou mais uma investida pelo alto, mas, dessa vez, sua espada curva encontrou a espada de Edra no caminho, que desviou o golpe com força, desequilibrando o homem. O pirata aproveitou a brecha e se movimentou

rapidamente para fora do seu campo de visão, o golpeando nas costas com sua espada de aço escurecido e lançando-o ao chão com um baque forte contra a madeira do navio.

À sua frente, as duas tripulações travavam uma batalha sangüinária e a madeira aos seus pés já estava toda tingida de sangue. Viu o cabelo emaranhado de Ribbs se movendo enquanto o marujo lançava ataques mortais contra um homem alto, que facilmente o mataria com um único golpe. Os dois competiram força, até que o marujo finalmente acertou um golpe fatal no pescoço do gigante, abrindo uma fenda mortal que salpicou a face de Ribbs de sangue. O rubro arterial não se destacou nem um pouco na pele escura do homem, que mais parecia ser feita de pedra vulcânica.

Edra abriu caminho em direção à cabine do capitão, passando facilmente por mais dois homens que o haviam julgado errado; um erro fatal. Ao se aproximar da maciça porta de madeira adornada, se viu cercado por quatro guerreiros. O capitão não exibiu nenhum sinal de medo ou hesitação. Em uma fração de segundo, ele aparou o golpe do homem que tentou atacá-lo pelas costas e o acertou com um chute forte dentre as pernas.

Esse, largou a espada e foi ao chão, segurando com as mãos em concha o que sobrou de sua dignidade. O segundo atacante não perdeu tempo e fez sua espada saltar, mas Edra tinha os instintos

aguçados e conseguiu desviar com um jogo de corpo, no entanto, se espatifou no chão ao tropeçar em um corpo fresco esparramado no chão.

Quando tentou se levantar, sentiu uma dor violenta em seu estômago, vinda de um chute forte, e caiu novamente no convés, cuspiendo uma lufada amarga de sangue. Uma mão pesada segurou firmemente uma mecha de seus cabelos negros e o pôs de pé com um puxão, segurando sua face para cima. O bafo podre aqueceu sua face quando o homem de rosto pustulento vociferou:

— Então, *você* é o grande capitão Edra — disse, com um tom jocoso. Depois se voltou para o companheiro que exibia um sorriso débil no rosto magro. — Não me parece tão terrível agora, não é mesmo, Erik?

Antes mesmo de seu companheiro dar uma resposta, a feição feia e deformada retorceu. Os olhos se arregalaram e, tanto a mão em volta dos cabelos de Edra, quanto a que segurava a espada, se afrouxaram e o homem caiu duro na madeira fria com uma faca de caça cravada no peito. O capitão se recompôs e sacou uma das pistolas que repousavam pacientemente em seu colete. Sem nem mesmo se dar ao trabalho de fazer pontaria, deu um tiro certo que abriu um buraco na testa do homem careca, arrancando de vez o sorriso de sua face. Depois, sua espada encontrou a nuca do

homem que ele havia acertado o chute nas bolas, sem dar a chance ao pobre coitado de morrer com alguma dignidade.

O quarto e último homem não parecia especialmente encorajado a atacar o pirata, que era em si uma imagem perturbadora, empapado de sangue escuro, no rosto e nas vestes, exibindo um olhar inflexível. Edra caminhou devagar em direção ao marujo, que mal conseguia segurar a sua arma. Guardou sua própria espada na bainha de couro e, mesmo sem ela em mãos, o inimigo continuava se afastando aterrorizado, até que se encontrou encurralado na parede da cabine do capitão do navio.

Edra passou por um mastro e pegou a corrente grossa pendurada na madeira e, então, a enrolou na mão e antebraço direito. O atacante tentou desesperadamente um golpe de sorte, mas Edra aparou o golpe com o braço acorrentado e arrancou a arma de sua mão. Depois, o homem foi ao chão após tomar um soco acorrentado entre os dentes.

— Morre, desgraçado! — O capitão golpeou, golpeou, golpeou e continuou até que a face do homem se tornasse uma pasta irreconhecível, que mal se parecia um ser humano. Quando seu ataque de fúria terminou, se levantou limpando o rosto e viu ao redor os seus companheiros e os opositores observando atônitos.

Nesse momento, os homens da tripulação rival que ainda estavam de pé jogaram suas espadas ao chão, e se puseram de joelhos.

Os sons de batalha haviam cessado, exceto, por um som abafado e úmido de carne sendo macerada. Acima das escadas, próximo ao timão do navio, estava Craven. Um homem de pele negra e cheia de cicatrizes, recebidas em sua longa vida de escravidão. Ele estava dando coronhadas de mosquete em um corpo já sem vida.

— Craven, já chega! — Ordenou o capitão, com uma autoridade inquestionável na voz. No mesmo momento, o homem parou uma coronhada no meio do caminho e desceu as escadas para se juntar com o resto da sua tripulação. Edra desenrolou lentamente as correntes ensanguentadas dos punhos e braço enquanto olhava ao redor.

Se aproximou de um dos marujos rendidos, que tremia como se estivesse convulsionando de tanto medo.

— Não encontrei seu capitão em lugar algum durante a luta, — disse com a voz forçadamente suave — você poderia fazer um favor para esse bom homem, e me dizer onde ele está?

O homem não emitiu uma única palavra, mas sua mão trêmula se levantou com grande esforço e apontou para a cabine fechada de portas ornamentadas. *Vou mostrá-lo o que faço com covardes,*

pensou com uma satisfação sombria. O capitão da embarcação havia se trancado em sua cabine logo no início da batalha. Edra se aproximou a passos largos da grande porta de madeira maciça. Ela havia sido, claramente, feita por mãos habilidosas e exibia uma pintura azul-turquesa, com detalhes pretos.

— Tragam aqueles barris — comandou, enquanto afastava de seus olhos uma madeixa rebelde de cabelos pretos e empapados de suor; sinalizou para uma fileira de pequenos barris de carvalho — e os empilhem em frente à porta.

Rapidamente obedeceram. Pediu, então, para se afastarem e pegou o mosquete na mão de Craven, que observava com seus olhos sanguinários em silêncio. O capitão tinha a mira certa e não havia como errar um alvo tão próximo. Apertou o gatilho e o estrondo do mosquete foi logo abafado por um ainda maior quando a bala atingiu um dos barris de pólvora. Pedacos de madeira estilhaçada voaram perigosamente para todos os lados e uma nuvem de fumaça subiu de onde, antes, havia uma porta.

Edra foi sozinho em direção à abertura. Do outro lado da passagem aberta não havia nada intacto, a cabine estava uma bagunça e a explosão havia quebrado toda a vidraçaria, espalhando cacos de janela e jarros por todo o cômodo.

Tudo estava destroçado e em meio a todo caos e fumaça, estendido no chão em meio aos escombros, havia um homem. Ele tossia pesadamente com dificuldade de respirar, parte devido à fumaça e outra devido ao grande cepo de madeira que trespassava seu tórax.

— Isso aqui está uma bagunça. Eu esperava mais organização e bom gosto de um homem de classe como você, capitão! — A voz de Edra saiu rouca e com um humor ácido enquanto se dirigia ao homem moribundo. Seus olhos e garganta ardiam à medida que a fumaça aumentava, por isso resolveu ir direto ao que importava: — Veja bem, vou ser franco com você, Sr. Rowley. A situação que você se encontra não é nada boa. Nem um pouco — fez uma pequena pausa e se abaixou ao lado do homem, que lhe deu um olhar digno de pena. — Esse seu ferimento, apesar de ser fatal, pode demorar algumas horas para te levar direto ao reino do Senhor, e digamos que o ar aqui na sua cabine não é um dos melhores para se respirar. Eu posso acabar logo com seu tormento, se você me ajudar com algo.

Os olhos enevoados do homem encontraram os de Edra, que eram de um azul fundo-do-mar e carregavam em si uma frieza assombrosa.

— O que mais você quer de mim? — resmungou com grande dificuldade. — Já consegui meu navio, minhas mercadorias e minha vida. Não é o suficiente?

— Não chegam nem perto de ser. Eu quero os registros das rotas comerciais, e sei que o livro está em sua posse. Então, onde ele está?

Rowley fez uma tentativa débil de se levantar, o que parece ter somente aumentado a dor que sentia. Ele suava muito e as fuligens começavam a se acumular em seu rosto. Se movimentou de forma hesitante e finalmente conseguiu retirar algo do seu bolso. Uma chave.

— Na minha mesa. Está na segunda gaveta à esquerda — e colocou a chave na mão de Edra, que foi prontamente até a mesa milagrosamente intacta.

A grande chave deslizou e a tranca abriu sem esforço. Lá dentro havia um livro espesso, encapado com couro esverdeado. Ele o abriu para ver o conteúdo e um grande sorriso apareceu em seu rosto. Era esse o livro que ele procurava há meses. As rotas marítimas de navios mercantes ingleses, tudo que um pirata ambicioso sonha em ter em mãos.

— Eu cumpri com minha parte do acordo — disse Rowley.
— Agora é sua vez, pirata.

Edra voltou seu olhar para o homem. Se aproximou já com a pistola em mãos e se acorrou novamente em frente a ele.

— Existem dois tipos de pessoas que eu desprezo, Sr. Rowley, que são covardes e traidores — a voz do pirata se transformou em puro nojo e repulsa. — E acontece de você ser ambas as coisas.

A sua mão segurou firmemente a madeira que empalava o velho. Fez força e torceu, enquanto o homem gritava e agonizava com uma dor lacerante.

— Você fugiu da luta e deixou sua tripulação sozinha, largada para a sorte. Que tipo de capitão é você, hum? — Rowley se debatia e gemia enquanto tentava afastar a mão pesada da madeira. — E, agora, você traiu seus companheiros mercantes, me entregando as rotas, sem nem ao menos pestanejar. — Edra soltou a madeira de repente e se levantou, observando de cima o velho covarde que agora espumava sangue que escorria pelas barbas. — Sorte sua eu ser um pirata de palavra.

O movimento foi ágil e o tiro acertou entre os olhos. Rowley pendeu para o lado, sendo liberto de seu terrível sofrimento. O capitão pirata pegou o livro e saiu da cabine enfumaçada enquanto se encaminhava ao Charlotte, seu navio.

— Craven, Vince e Wes! Cuidem bem dos nossos convidados, os acorrentem e leve para o porão. Sturges, veja se o casco dessa belezinha foi danificado e se há algum vazamento lá embaixo. — Virou-se para seu amigo de longa data — Ribbs, esse navio vale uma pequena fortuna. Vamos levá-lo de volta à Port Royal para fazer algum dinheiro. Escolha alguns marujos e faça os preparativos para o conduzir.

Edra foi para o Charlotte, seu navio, e, poucas horas depois do crepúsculo, os dois navios partiram noite adentro, cortando o mar tranquilamente rumo à cidade pirata.

Quando Chega a Noite

O capitão havia acabado de fechar a portinhola da pequena passagem aos seus pés e colocado um cadeado grosso, quase do tamanho do seu pulso, para trancá-la. Nesse momento, escutou uma batida respeitosa na porta de sua cabine. Arrastou a grande mesa de mogno de volta ao lugar que sempre esteve, em frente à sua vasta coleção de livros, e foi responder ao chamado. Era Sturges, o marujo que, apesar de não muito mais velho que ele, fora muito maltratado pelo tempo e o sol, pois sua pele agora lembrava de certa forma couro curtido, duro e marcado. Ele trazia consigo a mensagem de que terra havia sido finalmente avistada.

A viagem de volta havia sido rápida e tranquila, sem navios à vista ou tempestades para se preocupar. Não haviam se passado nem três dias completos, após o saque, quando chegaram até a cidade jamaicana.

Os dois navios alcançaram as proximidades das docas. Charlotte liderava imponente e sólido, com as grandes velas já recolhidas e em velocidade de ancoragem. Pouco atrás, estava o

navio que haviam capturado. Ele fora remendado pelo marceneiro e exibia uma aparência danificada e fragilizada, mas, ainda assim, estava navegando bem com Ribbs no comando.

Ancoraram lado a lado no ancoradouro. Edra se debruçou na amurada e observou, com uma expressão quase de ternura, a ilha de Port Royal, um dos poucos lugares no mundo onde pessoas como ele e seus homens eram bem-vindos. Ali era um porto seguro para os piratas e suas atividades.

Interrompeu seus devaneios e logo se empertigou e virou sua atenção de volta ao navio e tripulação. Sua voz se elevou e as ordens começaram a ser gritadas.

— Vamos logo, cambada de preguiçosos! Por acaso querem estar aqui ainda quando o sol se pôr ou querem estar aninhados nos peitos de alguma dama? — Sua fala arrancou risos de parte da tripulação, e ele mesmo riu junto. Agora, chegando em terra, todos pareciam mais bem-dispostos e contentes, por isso, começaram logo a recolher as cordas e a descarregar os espólios conquistados na incursão.

Os preparativos não foram demorados. Após toda a carga ser retirada do fundo do navio, Edra foi à cidade e encontrou compradores dispostos a pagar bem pelas sedas, peles, ouro e prata, mas não conseguiu negociar muito bem os temperos. O imediato

Ribbs conseguiu uma quantia mais alta que a esperada pelo navio danificado. Para o rum e a cerveja foi sugerido que ficassem a bordo do Charlotte e, sem surpresa nenhuma, toda a tripulação concordou com a ideia.

Pouco antes do pôr do sol, a tripulação se reuniu novamente no navio para receber sua parte do espólio e, como sempre, a divisão era mais do que justa. Edra sempre fora um capitão bem generoso nos pagamentos, e isso era um dos muitos motivos do porquê seus homens o respeitavam e lhe eram tão leais. Todos receberam sua bolsa gorda de moedas e alguns pareciam ter voltado a ser crianças, com sorrisos idiotas no rosto e a mente já fantasiando como iam gastar tudo aquilo.

A noite havia enfim chegado e os únicos sons que se escutavam por ali eram o do vento suave alisando as velas recolhidas e o do mar dançando sob o casco do Charlotte. A tripulação havia recebido seu soldo e não tardaram a se dispersar para o coração da cidade, onde se concentravam a maior parte dos bares e bordéis.

A grande cabine estava bem iluminada por lampiões potentes pendurados na parede e era bastante organizada. Uma cama que caberia facilmente duas pessoas estava na extremidade

contrária à porta, perto de uma pequena janela. Do lado da cama, tinha um baú contendo os pertences do capitão e acima dela, pregado à parede, um suporte para sua espada.

Em um outro canto, havia diversas prateleiras, lotadas de livros de toda sorte e tinha também a grande mesa de mogno firme e escuro. Um candelabro estava aceso em cima dela, emitindo sua luz bruxuleante que iluminava um livro aberto e o rosto concentrado de Edra. Ele folheava o livro de anotações com atenção, deixando marcações nas rotas comerciais mais promissoras. Ficou nisso por mais de uma hora, quando um barulho alto, vindo de baixo de seus pés, tirou toda sua concentração.

Seus olhos desfocaram e por um minuto ele se perdeu em memórias afiadas. A feição concentrada deu lugar à angústia. Porém, foi capaz de interromper os devaneios, pigarreando e se levantando bruscamente. Fechou o livro de registros com força e foi até uma das prateleiras, onde pegou um pote de verniz e um pano velho. Apagou todas as velas e deixou a cabine.

Quando saiu, contemplou por um momento o belo céu noturno, sem nuvens e repleto de estrelas e constelações conhecidas, depois foi em direção à figura de proa.

Era uma bela figura. Feita de madeira maciça, de um tom escurecido e quase negro, como o do próprio navio. Era a

representação de uma bela e jovem mulher, com roupas longas e uma das mãos estendida. Era onde antes havia uma espada completa, mas que a muito tempo tinha sido quebrada em uma colisão, restando somente o cabo e um pedaço pequeno da lâmina quebrada. Edra nunca se cansava de admirar o quão detalhada ela havia sido esculpida. A partir de uma mera pintura, o marceneiro fez uma obra de arte, dolorosamente parecida com sua amada.

Ele, então, se postou na beirada e começou a envernizar, quase de forma ritualística, a figura de proa.

— Acho que enfim nossa sorte vai mudar — disse o capitão em um tom casual, como se fosse uma coisa normal conversar com um pedaço de madeira. — Aquele livro vai mudar tudo. Em breve, vamos ter tanto ouro que não vamos nem saber como gastá-lo!

Continuou seu trabalho manual, molhando o pano no verniz e passando em toda extensão da escultura. Apesar dos movimentos serem precisos, sua atenção não estava ali no presente. Ele estava de novo com o olhar distante, no passado.

— Sinto muito sua falta. Sabe... eu daria qualquer coisa para ter você de volta, meu anjo. Para estar com você mais uma vez — deu o último retoque com os trapos velhos e tocou, de leve, o rosto de madeira. — Espero que saiba que faço isso por você.

Ele saiu da beirada, e voltou à cabine para se trocar. Era hora de ir para a cidade.